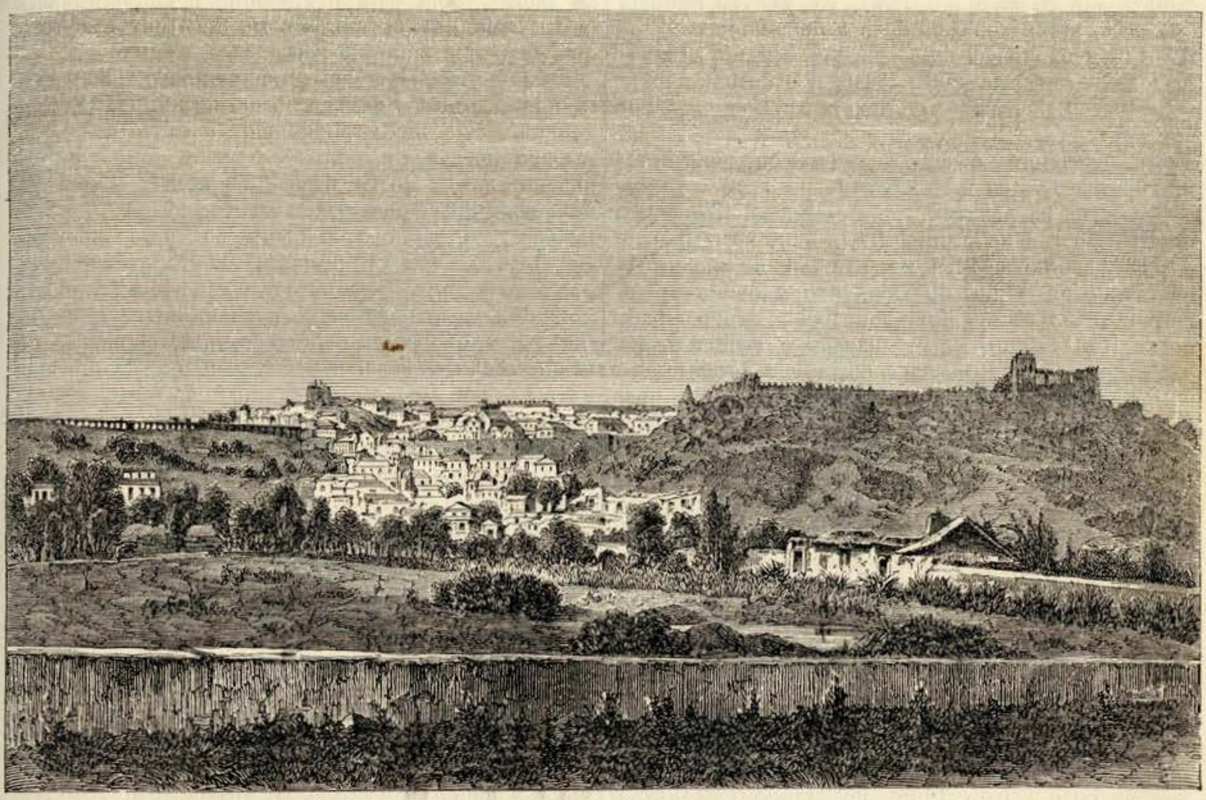


Villa de Obidos

Está situada esta povoação na provincia da Estremadura, cinco kilometros ao sul da villa das Caldas da Rainha, dez do ponto mais proximo da costa do Oceano, e quinze da villa e praça de Peniche, que fica, bem como o mar, para a parte de oéste.

O padre Antonio Carvalho, na sua *Chorographia Portugueza*, attribue a fundação de Obidos aos turdulos e celtas, trezentos e oito annos antes de Christo. Todavia, quem apreciar a historia como ella deve ser, verdadeira nos factos e severa nos juizos, porá de parte essas noticias meio fabulosas, na falta absoluta de documentos que as auctorisem, e contentar-se-ha, para honra e nobreza da povoação, com a antiguidade de sete seculos que lhe dão os annaes de Portugal, comprovada com gloriosos feitos de armas.

Portanto, a noticia mais antiga e certa sobre esta terra é a que diz respeito á sua conquista por el-rei D. Affonso Henriques. Depois de ter hasteado a cruz de Christo nas alcaçovas de Santarem e de Lisboa, e em outras praças da Estremadura, o fundador da monarchia cercou e tomou de assalto aos moiros a torreada villa de Obidos, correndo o anno de 1148.

Acerca da etymologia do seu nome tambem se perdem em conjecturas alguns dos nossos archeologos. Os mais comedidos nos vôos da imaginação derivam-n'o dos monosyllabos latinos *ob-id-os*, pretendendo que outr'ora designavam com elles uma grande boca do Oceano, ou braço de mar, que em tempos mui remotos vinha ter junto da villa, e que hoje se conserva afastado d'ella uma legoa, com o nome de *lagoa de Obidos*. Os que se deixam seduzir facilmente pelos ouropeis do maravilhoso querem que tal nome provenha de *Abidis*, seu fundador; o mesmo que figura na lenda popular da fundação de Lisboa e de Santarem, como filho de Ulysses e da princeza Calypso, filha del-rei Gorgoris.

Tornando da fabula para a historia, diremos que el-rei D. Affonso Henriques cuidou logo de assegurar a sua nova conquista, povoando a villa de christãos, e reparando-lhe os muros e castello.

N'aquellas fataes discordias que rebentaram no reino por meiado do seculo XIII, e que só acabaram pela deposição do desventurado rei D. Sancho II, deu aquella villa, como Celorico [1] e Coimbra, nobre e corajoso exemplo de fidelidade portugueza.

Sitiada estreitamente pelo exercito do infante D. Affonso, conde de Bolonha, no anno de 1246, repelliu todos os assaltos com tão extremado valor, e soffreu com tamanha constancia e resignação todos os rigores do assedio, que o infante viu-se obrigado a desistir da empreza. Resistindo assim á força de armas como á seducção das promessas, ficou tranquillamente na obediencia del-rei D. Sancho II até que a sorte se declarou completamente adversa ao desditoso monarcha, terminando-lhe a vida ao mesmo tempo que o despojára da coroa.

Tal é, porém, o prestigio das acções generosas; tanto pôde no animo do conde de Bolonha aquelle heroismo e dedicação do dever por uma causa já então perdida, que, apenas este principe se viu pacifico senhor de todo o reino, com o nome de D. Affonso III, apressou-se a galardoar a heroica lealdade dos habitantes de Obidos, concedendo á villa, a par de novos privilegios, o titulo de *sempre leal*, que accrescentou ao de *notavel* que já tinha.

Foi devedora a villa a el-rei D. Diniz de alguns augmentos. Attribue-se geralmente a este soberano a fundação do seu castello; entretanto, é fóra de dúvida que não fez mais que reedifical-o, e talvez accrescentar-lhe mais alguma obra de defesa, pois que a dita fortaleza já existia quando o nosso primeiro rei ganhou aos moiros esta praça, como acima dissemos.

Este mesmo soberano, por occasião do seu casa-

[1] Vid. pag. 409 do vol. VII.

mento, fez doação da villa de Obidos, juntamente com outras terras do reino, á rainha Santa Isabel, sua mulher. Desde então ficou sendo apanagio da casa das rainhas até ao anno de 1833, em que foi extincta esta casa, assim como tambem a do infantado.

No terceiro quartel do seculo xiv, durante as guerras que se atearam entre Portugal e Castella, mandou el-rei D. Fernando reformar a cêrca de muralhas que defendia a villa, por se achar em grande ruina. Alguns escriptores dizem que a edificou, porém cremos que se limitou a reconstruil-a.

Depois da tragica morte de D. Affonso, filho unico de D. João II e da rainha D. Leonor, succedida no dia 13 de julho de 1491, em resultado de uma quéda de cavallo nas praias do Tejo, junto a Santarem, foi a triste mãe d'este mallogrado principe, acompanhada del-rei seu esposo, curtir mágoas e saudades por varias terras, onde, afastada do bulicio da corte e só entregue á sua dor, suffragava a alma do filho querido com incessantes actos de piedade e caridade. Foi Obibos uma d'essas terras que a rainha escolheu para logar de suas devoções e recolhimento. D. Leonor passou algum tempo n'esta villa, morando em umas casas junto ao castello, e sobranceiras a um profundo valle.

Entre as muitas praticas pias e caridosas que ahi exerceu conta-se a instituição de cinco merceerias na egreja de Santa Maria, que é a matriz.

Em 1634 foi elevada esta villa a cabeça de condado por D. Filippe IV de Castella, então rei intruso de Portugal, em favor de D. Vasco Mascarenhas, alcaide-mór de Obidos, e que foi viso-rei da India e do Brasil. Em 1663 el-rei D. Affonso VI confirmou, ou deu de novo aquelle titulo, declarando-o de juro e herdade para os seus descendentes. É setimo conde e representante d'esta familia o sr. D. Manuel Pedro de Alcantara de Assiz Mascarenhas de Souza Coutinho Castello Branco da Costa e Lencastre, quinto conde de Sabugal e de Palma.

Presenciou Obidos o primeiro combate que se deu entre o exercito invasor francez, commandado pelo general Junot, e as tropas inglezas que vieram ajudar-nos a sacudir o jugo de Napoleão. Encontraram-se e pelejaram as avançadas dos dois exercitos, proximo da villa, no dia 15 de agosto de 1808. Foi este combate o preludio de uma grande victoria. No dia seguinte deu-se batalha geral na Roliça, a uns cinco kilometros de distancia de Obidos, e alli foram vencidas as aguias francezas pelo exercito anglo-luso.

Quasi no fim da lucta da liberdade, correndo o anno de 1834, foi theatro esta villa de uma arrojada empreza do sr. barão de Sá da Bandeira, hoje marquez do mesmo titulo, que fez render com um punhado de homens aquella forte posição, defendida por forças mui superiores.

No antigo regimen tinha a villa de Obidos representação em cortes, nas quaes os seus procuradores se sentavam no banco sexto.

Durante a residencia da rainha D. Leonor n'esta villa, dizem que lhe dera por brazão de armas um escudo de prata, tendo no centro uma rede de pesca de arrastar, em memoria de seu infeliz filho, cujo corpo, quasi exanime, foi conduzido em uma rede por uns pescadores desde o logar da catastrophe até uma pobre casa, onde expirou nos braços de sua mãe, e nos da princeza sua esposa.

Todavia, no livro das armas das cidades e villas da monarchia portugueza, que se guarda no archivo da Torre do Tombo, e que foi feito posteriormente, reinando el-rei D. Manuel, acha-se pintado o brazão d'esta villa da maneira seguinte: em campo verde uma torre de prata, assente sobre rochedos, e na qual tremúla uma bandeira.

A villa de Obidos está recostada no declive de um monte bastante elevado da parte do norte, cuja crista serve de base ao castello e á egreja parochial de S. Thiago. A povoação, assim estendida pelo dorso do monte, olha para o nascente, e na parte mais baixa banha-lhe os muros o rio de Arnoya, sobre o qual tem uma ponte de pedra.

Ainda se conserva sem grande ruina a velha cêrca de muros, que apresenta a fórma de um ferro de engommar, cujo bico, voltado para o sul, é defendido por um torreão chamado *torre vedra*, que em linguagem antiga queria dizer torre velha, do que se deve colligir ser obra das primitivas fortificações feitas pelos moiros, ou, pelo menos, das que mandou fazer el-rei D. Diniz. As portas d'esta cêrca são quatro: *porta da Villa*, que deita para o sul, e é a principal; *do Valle*, para o nascente; e as da *Cêrca* e do *Telhal*, para o poente; e dois postigos, chamados *de Cima*, e *de Baixo*. O castello, composto de diversos torreões, tem bastante ruina, mas não é esta grande se se attender á sua muita antiguidade. Póde-se dizer que é um dos melhores conservados que ha no paiz. Desfructa-se d'elle um bonito e dilatado panorama.

Para o lado de léste vêem-se collinas, assombradas de pomares, ou vestidas de matto. Para a parte do sul alternam-se as aldeias com terrenos cultivados na extensão, talvez, de cinco kilometros. Para o lado de oéste estende-se a *Varzea da Rainha*, com seus tres kilometros de comprimento, e regada pelos tres rios que vão lançar-se na lagôa. Para o norte dilata-se a vista, em mais largo horisonte, sobre terrenos accidentados.

Conta esta villa quatro freguezias: *Santa Maria*, que é a matriz; *S. Pedro*, *S. Thiago*, e *S. João Baptista*. Os outros edificios religiosos e de caridade são: *egreja e hospital da misericordia*, com bastante renda; as *ermidas de Nossa Senhora de Monserrate*, pertencente á ordem terceira; *de S. Martinho*, de architectura antiga; e a *de S. Vicente*, onde está a parochia de S. João Baptista.

São cinco as ruas principaes da villa, e uma praça adornada com um chafariz. Fóra dos muros tem mais quatro fontes, duas das quaes são alimentadas, juntamente com o chafariz da praça, por um bom aqueducto, que corre sobre arcos na extensão de quasi tres kilometros. Recebe o manancial no logar da Osseira. Foi mandado construir este aqueducto pela rainha D. Catharina, mulher del-rei D. João III, cedendo-lhe o povo, em compensação, um baldio que passou logo a ser cultivado, e que se ficou chamando *Varzea da Rainha*.

Nos suburbios acham-se as ermidas de *Nossa Senhora do Carmo*, na Varzea da Rainha, onde em tempos antigos esteve a parochia de S. João Baptista; a de *Santo Antão*, em um monte para o lado do norte; a de *S. Bento*, sobre outra eminencia para o nascente; a de *Santa Iria*, ao pé de um campo em que se faz annualmente uma feira, que principia no dia 20 de outubro; e a do *Senhor Jesus da Pedra*. A esta ultima póde-se dar o nome de templo sumptuoso. Está situada junto á estrada que vae para as Caldas. Foi começada no dia 21 de dezembro de 1740, lançando-lhe a primeira pedra o arcebispo de Lacedemonia, D. José d'Antas Barbosa; e foi inaugurada e benzida no dia 29 de abril de 1747, sem, comtudo, se achar concluida, tendo-se gasto a quantia de oitenta contos de réis, obtidos de esmolas, entre as quaes avultaram muito as que foram offerecidas por el-rei D. João V [1].

São notaveis os arrabaldes de Obidos por algumas quintas que os aformoseiam, e pela grande lagôa a que a villa dá o nome. As quintas de mais nomeada são a *das Janellas*, a *das Flores* e a *do Bom Suc-*

1 Vid. a gravura e artigo a pag. 60 e 61 do vol. VI.

cesso. A primeira, pertencente á casa dos srs. condes de S. Vicente, possue excellentes aguas thermaes, similhantes ás das Caldas da Rainha, e ás quaes concorrem alguns enfermos. N'esta quinta falleceu de uma colica, no dia 21 de julho de 1742, o infante D. Francisco, filho del-rei D. Pedro II. Achava-se então nas Caldas da Rainha, a uso de banhos, seu irmão, el-rei D. João V, e a familia real.

Esta quinta dista da villa obra de um kilometro. A pouca distancia está a *das Flores*, tambem com uma nascente de aguas thermaes.

A *quinta do Bom Successo* é celebrada pelos seus arvoredos, pela situação pittoresca da casa, e pelas alegres e formosas vistas que d'ella se desfructam.

A uns cinco kilometros da villa está a lagôa, contando quasi egual dimensão no seu comprimento, e pouco menos de tres kilometros na largura. Estende dois braços: um para léste, chamado *da Barrosa;* e outro para o sul, denominado *do Bom Successo*, ou *de Athouguia*. Cercam-n'a elevados montes, que apenas deixam abertas quatro gargantas, tres por onde n'ella vem desaguar os rios *do Cabo*, *do Meio*, e *Real*, e a quarta por onde se communica a lagôa com o Oceano. Aquelles tres rios só no inverno são caudalosos, conservando-se então desembaraçada a communicação com o mar. Porém, logo que os ardores do estio empobrecem os ditos rios, diminuindo o volume de aguas da lagôa, começa o Oceano a obstruir-lhe de areias a foz, até deixar completamente estagnadas as aguas, com grave prejuizo da saude publica. N'estas circunstancias é necessario remover as areias á força de braços, cujo trabalho é ordenado e superintendido pela camara municipal da villa de Obidos. É mui rica esta lagôa de variadas especies de marisco e de pescado, que dão emprego a numerosos barcos, e que durante todo o anno abastecem não sómente a villa, mas tambem muitas outras terras da Estremadura. As pescarias d'esta lagôa constituem um importante ramo de commercio. Não é menos abundante de caça de arribação no inverno. N'esta quadra do anno apresentam as suas margens o mais animado e pittoresco aspecto que se póde imaginar. Para todos os lados que os olhos relanceiem vêem-se centenares de caçadores de todas as classes da sociedade, e de trajos multicores, attrahidos alli não só das terras visinhas, mas de muitos pontos distantes da provincia, e da propria capital, uns levados do desejo da diversão, outros da necessidade de ganhar para a vida. O sr. D. Pedro V, de saudosissima memoria, um anno antes, se bem nos lembrâmos, da sua desgraçada morte, foi fazer uma grande caçada n'esta lagôa, visitando por essa occasião a villa de Obidos.

Encontra-se a pouco mais de dois kilometros da villa o edificio do extincto *convento de S. Miguel das Gaeiras*, que foi habitado por frades arrabidos. Teve a primeira fundação em outro sitio menos sadio, sendo o seu fundador o cardeal infante D. Henrique, no anno de 1569. O actual edificio, construido em 1602 com esmolas do povo, é pequeno e de fabrica humilde, porém possue uma extensa cêrca, da qual faz parte um copado bosque.

A villa de Obidos pertence ao districto administrativo de Leiria, e é séde de um dos tres vigarios geraes do patriarchado, a jurisprudencia do qual se estende sobre as treze villas dos coutos de Alcobaça, e sobre as villas das Caldas da Rainha, de Cadaval, de Athouguia da Baléa e de Peniche. Encerra uns tres mil habitantes, porém já contou maior numero.

Apesar das vantagens commerciaes que lhe devem proporcionar a visinhança de dois portos de mar, de uma lagôa tão abundante de pesca e de caça, do grande mercado que offerece aos seus productos uma estação de banhos thermaes tão concorrida, como é a das Caldas; apesar de ser mimoso de saborosas frutas todo o territorio do seu concelho, que é fertil em cereaes, produzindo tambem algum vinho e azeite, e outros generos; não obstante tudo isto, tem atravessado esta villa um longo periodo de decadencia. Diversas causas tem concorrido para tal resultado, sendo uma das mais poderosas o estado de ruina a que chegaram as estradas. Cremos, porém, que estará entrada em via de progresso pelo melhoramento das condições economicas do paiz. Presentemente corre perto dos seus muros a magnifica estrada macadamisada que conduz de Lisboa ao Porto, atravessando as cidades de Leiria e Coimbra, e muitas outras terras importantes.

Honra-se a villa de Obidos de ter servido de berço a varias pessoas illustres nas artes e nas letras. D'entre esses filhos benemeritos nomearemos tres: *Josefa d'Ayala*, que adquiriu celebridade como pintora no seculo XVII, sob o nome popular de Josefa d'Obidos; *Francisco Manuel Gomes da Silveira Malhão*, poeta distincto e espirituoso; e o *padre Francisco Raphael da Silveira Malhão*, um dos mais brilhantes ornamentos do pulpito portuguez.

I. DE VILHENA BARBOSA.

ABENÇOADA SEJA A FAMILIA!

(Vid. pag. 34)

VII

Ia-se occultando o ardente sol de junho atraz dos longinquos montes de Soba.

Antonio e Feliciana descascavam milho em uma eira distante de casa a dois tiros de espingarda, e muitos visinhos occupavam-se no mesmo trabalho em outras eiras proximas.

A alegria, que rara vez abandona o coração dos habitantes de Cabia, expressava-se então em toda a sua plenitude: era que dois dias antes chovêra abundantemente, e via-se crescer o milho, que tão prodigamente recompensa o cançaço do lavrador quando a tempo recebe agua, benção que Deus não nega ao sincero e laborioso agricultor vasconço.

— Vou recolher as ovelhas e em seguida arranjarei a ceia, disse Feliciana.

— Não, replicou Antonio, não quero que subas o monte porque já não estás para isso. Vae preparar a ceia, que as ovelhas estão em Matacabras, a encherem-se como ovos com a herva que nasceu no terreno que limpámos do matto, na vespera de S. João. Assim que batam as Ave-Marias, subirei eu n'um pulo e voltarei com ellas.

Feliciana dirigiu-se a casa, recolhendo de passagem um mólho de lenha sêcca para o lume.

A porta estava só fechada no trinco, porque em Cabia de pouco servem chaves e cadeados.

— Feliciana, disse Antonio, que atravessava ao mesmo tempo o campo, olha que a familia já te espera.

A familia, a que Antonio alludia, eram dois bacorinhos que afocinhavam a porta grunhindo como desesperados, e um bando de gallinhas que, sob o governo do gallo mais pimpão de Cabia, esperavam os donos com santa paciencia, pensando só em que podia vir por alli algum gato montez e matar-lhes os filhos.

Appareceu, em fim, Feliciana na capoeira, e as aves e os bacorinhos correram ao seu encontro fazendo-lhe mil caricias, e como todos se metteram em casa com ella, certos de que haveria alli algum milho e limpadura para merendar.

Momentos depois, branquissima columna de fumo começou a elevar-se da chaminé de casa de Antonio.

Vendo-o este, sorria-se alegremente, dizendo para Juancho, que n'aquelle instante se lhe aproximára a pedir-lhe lume do cigarro:

— Olhe, olhe, o trabalho de minha mulher! Deus louvado, muitas coisas agradaveis nos diz o fumo que ao longe vemos sair da chaminé da nossa casa!

— Então o que te diz a ti?

— Se podessemos explicarmo-nos como os que compõem os livros... asseguro-lhe que mais de quatro coisas boas se ouviriam em Cabia... Juancho, quando das eiras ou dos montes vejo o fumo da minha casa, penso para commigo que minha mulher está dizendo: se faz frio, «façamos bom lume para que aquelle pobre homem se aqueça quando chegar;» se faz calor, «não ateémos muito o lume para que elle quando vier não encontre a casa como um forno;» se faz uma fritada, «córemol-a bem, porque elle assim saboreia;» se deita sal na panella, «não façamos a comida salgada, porque elle não gosta;» se faz... em fim, eu não sei explicar melhor, porém esse fumo diz-me sempre, e com certeza, que alli estão pensando em mim...

— Quem t'o diz não é o fumo.

— Pois quem m'o ha de dizer?

— O coração.

— Pois será; mas...

— E se não, pergunta a João Palomo o que lhe diz o fumo da sua chaminé.

— Porque esse não tem mulher.

— Então, se não é o coração, será a mulher e não o fumo quem diz essas coisas...

— Será... mas deixemo-nos de sophismas, que são para pessoas mais lidas que nós, e vamos para casa com as ovelhas, que já alli deve estar preparada alguma coisa de comer.

Antonio atou um mólho de lenha, lançou-o ao hombro, e tomando a enxada, seguiu o caminho de casa. Assim que deu de merendar aos bois, e disse não sei que dulcissimas coisas a sua mulher, saíu outra vez, cantando, para a encosta de Matacabras, porque o viram descer pouco depois trazendo diante de si uma duzia de ovelhas tão alegres como elle.

Fôra o dia mui quente, mas a noite estava deliciosa. A lua illuminava como o sol, e o ambiente sentia-se aromatizado pelos fructos que guarneciam as arvores das collinas de Cabia, ao norte e ao sul.

Quando Antonio chegou a casa com as ovelhas, já Feliciana collocára a mesa e as duas cadeiras de pau sob a frondosa cerejeira que se via á entrada.

As ovelhas, costumadas por sua dona a golodices, rodearam Feliciana como dizendo-lhe: — «Vê se tens ahi alguma coisa que nos dês.» — E Feliciana deu a cada uma um pedaço de broa.

Antonio subiu ao quintal com um prato na mão, e, alcançando um ramo de cerejeira, encheu o prato de saboroso fructo, vindo depois collocar as cerejas ao lado de outros pratos com pimentos e ovos, que Feliciana pozera na mesa.

Sentaram-se, marido e mulher, e ambos começaram a comer com appetite e alegria taes que teriam feito morrer de riso o hypocondriaco João Palomo.

— Vejo que comes só por um, minha filha, disse Antonio, quando devias comer por dois.

— Por dois? — replicou Feliciana sem o comprehender.

— Por ti e por um homemzinho que nos está ouvindo.

— Homemzinho!... mulherzinha é que será, disse Feliciana comprehendendo em fim o sentido das palavras do esposo.

— Nada, nada; não queremos individuo que se vista pela cabeça e se dispa pelos pés.

— És muito gracioso! Pois eu quero que seja menina.

— Então mando-a para a misericordia de Bilbau.

— Não me causes zanga, Antonio!

— Excepto se se parecer com sua mãe...

— Ha de parecer-se.

— Então será linda e boa, e ficará em casa, porque tem fortuna todos os rapazes, como tu... sabes.

— Verás!

— Recordo-me agora... sim, disse-me o cirurgião que seria menino.

— Anda, mentiroso.

— Ouve, minha filha. No domingo passado, antes da missa, estavamos no adro esperando o toque de entrada, quando appareceste entre o nogueiral; e o cirurgião disse-me: — «Queres saber, Antonio, se terás filho ou filha?» — Respondi... Quero. — «Pois espera que já o saberás.» Quando ias, pois, a subir os degraus da porta, o cirurgião olhou para os teus pés, e accrescentou...

— Gracejava!

— Não te envergonhes, que não disse nada mau.

— Não me admirava, porque são bastante curiosos e atrevidos os homens!

— Como ia dizendo, o cirurgião accrescentou: — «Has de ter um filho, porque tua mulher lança primeiro o pé direito quando sobe a escada.»

— Não quero.

— Então levo-o para a misericordia.

— E eu deixo-te!...

— Como não queres...

— Quero, quero.

— E que nome terá?

— Um nome bonito.

— Diz João Palomo que os nomes bonitos são... Assim como os que ha nos livros de novellas que elle tem.

— E como são?

— Alfredo, Arthur, Alberto e outros.

— São, na verdade, feios.

— São. Vem de França ou de Inglaterra estes nomes...

— Importações estrangeiras. Quanto mais bonito é Antonio, João, Matheus, Francisco, José, Manuel... em fim, nomes de santos bons.

— Gósto d'elles.

— Olha, Antonio, se for rapaz hei de pôr-lhe o teu nome.

— Mas não vês que quando te perguntarem por qualquer de nós não saberás... se porventura não tiveres a precaução de fazer a pergunta de Lopez...

— Que pergunta é essa?

— Eu te conto. Casára-se Lopez havia muito tempo, e já estava enfadado porque não tinha familia; porém, a final, deu-lhe a mulher um robusto menino. Lopez, por esta causa, rebentava de orgulho, e desesperava-se porque o cuidado na mãe não o deixava ir pelo povo contando que já tinha um filho. De que se lembraria o maldito? No mesmo dia em que a mulher lhe deu o menino, collocou-se á porta da casa, e quando chegava algum desconhecido e lhe perguntava: «Está em casa o sr. Lopez?», respondia elle, com soberba nunca vista: Qual? o pae ou o filho?

— Pois deixemo-nos de pensar em o nome que terá...

— O nome nada faz para o caso... O que importa é que o rapaz seja bonito.

— Sel-o-ha!...

— Porque se parecerá comtigo...

— Não, comtigo...

— Vou fazer-lhe um carro para que aprenda a andar antes do anno...

— O ensino corre por minha conta.

— E que satisfação vel-o correr e saltar por esse campo... vivo e azougado, como sua mãe! Trepando, como um gato, pelo tronco da cerejeira...

— Para que o fato se lhe despedace!

— Dar-lhe-has açoites.

— Então hei de bater no meu filhinho?

— Deixa isso por minha conta...

— Não, não!

E Feliciana voltou-se assustada estendendo os braços para o tronco da cerejeira, que lhe ficava ao lado, a fim de impedir a acção de Antonio.

— As mães perdem as crianças com exaggeradas meiguices...

— Antes meiga que barbara...

— O nosso filho saírá, felizmente, homem de bem.

— E sendo formoso e gentil, casará com alguma primogenita ricaça, embora isso não me dê grande prazer.

— Melhor é que vá para a America procurar fortuna.

— Não acredito muito nas fortunas que se fazem na America... Mas, se é da tua vontade, que vá...

— Boas noites! disse Juancho apparecendo á porta da casa antes que Antonio e Feliciana reparassem n'elle, entretidos como estavam com o seu rapaz.

— Boas noites, Juancho! Estamos no fim da merenda, mas teremos gosto em que acceite do que veja.

— Agradeço, e desejo que lhes faça bom proveito. Fallavam de André, não é verdade? É um rapaz como um domonio. João Palomo está zangadissimo com elle, porque diz que o insulta sempre que repica os sinos.

— E que é que lhe dirá?

— Não sei! As coisas, provavelmente, que diz a todos nós. Com a differença, porém, de que nós não temos receio do que nos digam.

— Veremos se o tal André se casa em breve e se torna prudente.

— Tenho dó de Isabel... Mas quando teremos cá em casa a familia augmentada?

— Ora!...

— Disse o cirurgião que sería menino.

— Ha uma hora que eu tambem encontrei o cirurgião, e disse-me elle que Feliciana teria uma menina.

Feliciana soltou alegre gargalhada, á qual correspondeu Antonio com outra não menos alegre, accrescentando:



Francisco Vieira Portuense

— Seja o que Deus quizer. Não sabemos se é menina ou menino; temos, porém, a certeza de que é a ultima benção com que o Senhor completa a nossa felicidade.

Caíram dos olhos de Feliciana lagrimas de affectuosissimo reconhecimento; e, não sei como, as mãos de Antonio e Feliciana encontraram-se debaixo da mesa e deram-se um aperto dos mais ternos e significativos.

(Continua) BRITO ARANHA.

FRANCISCO VIEIRA PORTUENSE

ESBOÇO BIOGRAPHICO

I

Bom numero de annos vae hoje decorrido, depois que em nós se entranhára um proposito, a que fervorosa e diligentemente nos votaramos. Era o de concorrer com o nosso brado, embora humilde e dissonante, para dilatar no mundo, pelo modo possivel, a fama de tantos conterraneos illustres, que, por insignes na cultura das letras, das sciencias e das artes, deixaram á posteridade o encargo, mais ou menos satisfeito, de inscrever-lhes os nomes na honrada lista dos benemeritos da nação e da humanidade. Ainda n'esse tempo não começavam a alvejar-nos na cabeça as cans, que, por effeito menos da edade que dos desgostos, se anticiparam a embranquecel-a de todo. As contrariedades, desconsiderações e pezares, que de então para cá nos tem flagellado, e a que só poderiamos oppor uma resistencia passiva, ou antes uma apathica resignação, que mal se conforma com a nossa indole e temperamento, se não conseguiram dissuadir-nos inteiramente do nosso empenho, levaram-nos comtudo, consumida na vehemencia da lucta permanente com que nos amesquinham, a melhor parte das forças de que careciamos para o realisar.

Obrigado, como consequencia inevitavel, a levantar mão, ha dois annos, de um trabalho de maior alcance, em que empregaramos com assiduidade e perseverança, que não são communs n'esta terra, os cinco

precedentes; trabalho que, grangeando-nos, em verdade, nome e credito entre naturaes e estranhos, só não obteve até hoje o minimo apreço ou contemplação de especie alguma da parte d'aquelles a quem, por direito, cabia o dever de agradecel-o e remuneral-o; trabalho, em fim, que ahi ficará incompleto, pois que os estimulos do brio e pundonor pessoal nos impedem de o retomar em quanto continuarmos a ser tratado pelos poderes publicos com o significativo desprezo que nos serve de vergonha, menos por nós que pela honra do paiz, cujo filho somos, e a quem sacrificámos o pouco ou muito que valiamos: não é sem grande custo que, em tal disposição de espirito, acquiescendo uma ou outra vez ás instancias reiteradas de amigos e honradores, voltâmos a intentar algumas breves e ligeiras excursões em terreno, do qual, força é dizel-o, bem quizeramos afastar-nos para sempre.

Esta explicação prévia, puramente individual, foi julgada necessaria, para com ella solicitarmos a indulgencia dos leitores do *Archivo*, visto havermos de tomar no corrente anno em sua collaboração a parte que nos for possivel, já que assim o desejam os benemeritos editores. Do pouco que podérmos fazer, a culpa não será nossa. Attribua-se ás circunstancias que nos incapacitaram de melhor cumprir esse desejo, com que muito nos honrâmos.

Daremos hoje, recopilado em acanhados traços, o que podémos colligir de diversos escriptos, e averiguar pela propria investigação, ácerca do distinctissimo artista portuguez, cujo retrato se vê collocado á frente d'este artigo, e cuja fama, com quanto gloriosa, sobrelevaria de certo, se a morte prematura o não arrancasse d'entre os vivos justamente na edade em que se preparava para alcançar, nos certames a que se habituára, as palmas de novos e mais assignalados triumphos.

II

Francisco Vieira, cognominado o *Portuense* (para distinguil-o do outro seu afamado contemporaneo Francisco Vieira de Mattos, conhecido dentro e fóra da patria pela denominação de *Vieira Lusitano*), nasceu na cidade do Porto a 13 de maio de 1765 [1].

Foi seu pae Domingos Francisco Vieira, que, segundo os biographos, reunia á profissão da arte de pintura (em que dizem não era dos *de menos conta*) a de commerciante ou vendedor de drogarias. De sua mãe sabemos apenas que havia o nome de Maria Joaquina.

Como de tenra edade começasse a manifestar inclinação para o desenho e pintura, seu pae, logo que o viu instruido nas primeiras letras, e tendo-o, provavelmente, iniciado elle proprio nos rudimentos da arte, entregou-o á direcção de João Glama, celebre pintor, que alguns julgaram italiano, mas que a opinião melhor fundada crê nascido em Portugal, e oriundo da Allemanha. Este artista exerceu por muitos annos, com bons creditos, a sua profissão no Porto, onde as obras que deixára são ainda tidas em estimação. Mais tarde, achando-se n'aquella cidade outro notavel pintor, que primava no genero das paizagens, João Pilman, ou Pillement, de nação francez, deu tambem algumas lições ao joven alumno. Porém este, não contente da instrucção já adquirida, e sentindo a necessidade em que estava de aprofundal-a, resolveu-se, em vez de frequentar a aula publica de desenho, que por esse tempo já existia na sua patria, a vir de preferencia a Lisboa matricular-se discipulo na outra da mesma especie, que tambem de poucos annos fôra mandada abrir por alvará da sra. D. Maria I de 23 de agosto de 1781, e começava a florecer, regida pelo habil professor Joaquim Manuel da Rocha [1].

É de crer que n'essa resolução interviesse mais que tudo o fito de obter praça entre os alumnos, que por concessão do governo, e como pensionistas do estado, deviam partir para Roma. Anhelava, sem duvida, por saudar de perto aquelle magnifico receptaculo das artes, para alli extasiar-se na contemplação dos seus prodigios; — recolher as inspirações de que necessitava; — modelar, em fim, o gosto no estudo das concepções assombrosas com que se immortalisaram tantos genios illustres, quantos são os que na Italia fundaram e ennobreceram as differentes escholas da pintura.

Se era este, como pensâmos, o seu designio, pouco faltou para que não visse frustradas as esperanças que concebêra. Ou porque lhe faltassem padrinhos, ou porque encontrasse já irrevogavelmente fechado o numero dos escolhidos, o mancebo portuense baldou supplicas e instancias perante a inepcia de ministros ensurdecidos. O que, porém, não póde obter em Lisboa veiu a conseguil-o no Porto. A junta da direcção da companhia geral das Vinhas do Alto-Douro tomou-o sob sua protecção, mandando abonar-lhe do seu cofre a pensão annual de 300$000 réis, para ser-lhe paga durante o tempo que houvesse mister demorar-se em Roma até á conclusão dos estudos. Corria então o anno de 1789.

Preenchidos os seus votos, é facil de imaginar que se daria pressa em aproveitar-se quanto antes da liberalidade que tão generosamente se lhe outorgava. O beneficio recebido impunha-lhe a obrigação de merecel-o.

III

Chegado a Roma, e satisfeitos os primeiros impulsos da curiosidade artistica no exame e admiração das maravilhas que a flux se lhe deparavam, tratou Francisco Vieira de escolher mestre idoneo, que podesse guiar-lhe os passos na carreira em que ia entrar. Infelizmente para elle, não os havia por esse tempo eguaes ao que fôra em outras epochas. De todos os existentes eram tidos por melhores Antonio Cavalluci, La Picola e Domingos Corvi. Os nossos pensionistas Sequeira e Taborda, que, da mesma sorte, começavam então em Roma o seu tirocinio escholar, haviam escolhido para si o primeiro; Vieira preferiu o ultimo.

Era Corvi um desenhador excellente, e como tal acreditado; mas frio no colorido, e faltavam-lhe ou-

[1] Pelo respeito que consagrâmos á verdade, e para prevenir, se é possivel, a futura repetição de enganos, permitta-se-nos o seguinte reparo: No tomo I, pag. 124, da bella e novissima edição, que das *Obras de Luiz de Camões* está dando ao prelo na imprensa nacional, a expensas do governo, o sr. visconde de Juromenha, notámos, não sem alguma estranheza, uma equivocação de facto, cuja causa mal sabemos attingir, e menos explicar. Confundem-se ahi incidentemente os dois pintores Vieiras, *Lusitano* e *Portuense*, attribuindo-se com inexactidão flagrante ao segundo a *autobiographia* que o primeiro de si escrevêra e imprimira em 1780 com o titulo: *O insigne pintor e leal esposo Vieira Lusitano, historia verdadeira, que elle escreve em cantos lyricos*. Tambem, seja dito de passagem, parece que o erudito editor não tivera presente o livro de Taborda, quando nos dá o Vieira Portuense nascido *pelos annos de 1766;* pois se houvesse consultado aquella obra, ou mesmo o nosso *Diccionario Bibliographico Portuguez*, que tantas vezes teve a deferencia e obsequiosa bondade de citar, acharia que a data *precisa* do nascimento é a que indicâmos acima.

[1] Veja-se, na serie dos interessantes artigos que, sob a rubrica *A cidade de Lisboa com referencia a estabelecimentos litterarios e scientificos*, tem publicado recentemente no *Jornal do Commercio* o sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro, o art. III inserto no dito jornal, n. 3391 de 4 de fevereiro d'este anno. Esta aula de desenho de figura e historia, creada conjunctamente com outra de architectura civil, foi com ella estabelecida de principio, não no extincto convento dos padres theatinos, vulgò Caetanos, como parece inculcar-se no artigo citado, mas em uma casa, ao que podêmos julgar, alugada para esse fim na praça do Pelourinho. D'alli passaram ambas, ao cabo de alguns annos, segundo cremos, para outra casa no largo do Loreto; e só muito depois se transferiram para um dormitorio cedido pelos sobreditos padres no pavimento baixo do edificio onde vemos agora estabelecido o conservatorio real de Lisboa. Foi n'essa localidade que as encontrámos, matriculando-nos, em janeiro de 1826, no curso respectivo, que (em verdade com pouco aproveitamento!) frequentámos por espaço de dois annos e alguns mezes. Fallecia, sem duvida, em nós vocação para a arte; porém, dado que a tivessemos, mal poderiam desenvolvel-a os professores que alli achamos, cujo methodo de ensino, para não dizer a falta absoluta d'elle, era, por certo, lastimoso!...

tros dotes, cujo todo se requer para ser pintor abalisado. O gosto e talento dos discipulos pódem, comtudo, supprir, ás vezes, a mediocridade dos mestres. E como Vieira estava n'esse caso, e a sua applicação era egual á intelligencia, tirou das lições todo o proveito que era de desejar. Logo no anno de 1791 obteve nas academias romanas um primeiro premio em roupas; e mais obteria se mais tempo alli se demorasse.

Porém, entranhando-se cada vez mais no pélago immenso dos estudos que demandava a sua profissão, entendeu que lhe cumpria não limitar-se a Roma; e que devia, tanto quanto seus recursos lh'o proporcionavam, correr as principaes cidades da Italia, para visitar os seus mais notaveis edificios e formosas galerias, investigando tudo com o interesse que taes portentos são capazes de inspirar ao artista, e copiando para exercicio o que mais accendesse em suas sensações o fogo do enthusiasmo. D'aqui resultou uma immensa quantidade de livros, que comsigo trouxe ao recolher-se á patria; monumentos da sua applicação e estudo, e que são conservados na maior estima pelos que lograram alcançar a posse de alguns.

Tinha elle adoptado de preferencia, por mais de seu gosto, a maneira e estilo mimoso e delicado de Albano e Guido Reni; porém, desejoso de estudar tambem o colorido de Corregio, dirigiu-se a Parma, para copiar, como de feito copiou com grande perfeição, o magnifico quadro de *S. Jeronymo*, que existe na galeria publica da referida cidade, e que passa, na opinião de insignes professores, por ser uma das melhores producções d'aquelle eximio chefe da eschola lombarda [1].

Durante a sua curta permanencia em Parma, foi admittido entre os directores da academia, e obteve outras provas nada equivocas da consideração que merecia o seu talento. Deu lições de desenho a uma filha do grão-duque, a qual retratou, bem como outras personagens distinctas da mesma cidade. D'ahi lhe proveiu bom credito e avultadas recompensas.

Em 1794 estava de volta em Roma, onde se demorou ainda tres annos, occupado sempre dos estudos inherentes á arte e a seus accessorios. Despediu-se, em fim, de todo em 1797, partindo d'aquella cidade em companhia de Bartholomeu Antonio Calisto, outro pintor portuguez, que alli fôra tambem aperfeiçoar-se como pensionario da casa-pia. Percorreram juntos parte da Allemanha, até que se separaram, vindo Calisto para Lisboa, e ficando Vieira em Dresda, occupado em examinar aquella famosa galeria, da qual copiou os objectos que maior attenção lhe mereceram.

De lá transportou-se para Hamburgo, e successivamente para Londres. Foi n'esta cidade que contrahiu estreita amizade com o insigne Bartholozzi, tomando d'elle algumas lições de gravura, e casando mais tarde com uma viuva italiana, moça e rica, que dizem pertencia á familia do celebre gravador. Ahi mesmo começou a gravar a agua forte uma grande e laboriosa chapa, que, por embaraços supervenientes, não chegou a concluir.

Pintou em Londres o *Viriato*, quadro de notavel execução, que offereceu ao então principe regente de Portugal, e que esteve, e não sabemos se ainda está, collocado na galeria do real palacio da Ajuda. D'esse quadro abriu o referido Bartholozzi uma bella estampa, bem como outras de diversas composições do artista portuguez.

[1] Esta cópia, qualificada de *bella e excellente*, diz Taborda que existia em casa do sr. visconde de Balsemão. Posteriormente, porém, o sr. conde de Raczynski, no seu *Dictionnaire*, declara-a existente em poder dos exc. duques de Palmella, e é facto, que até já como tal figurou em algumas exposições publicas. Cyrillo falla, não d'esta, mas d'outra cópia de Corregio, que diz representar a *Magdalena*, e que pertencêra depois a Luiz Pinto, 1.º visconde de Balsemão. Parece-nos que o diligente auctor das *Memorias* se equivocou, confundindo as especies n'esta parte, e que tal cópia só existiu na sua imaginação.

Em obsequio ao ministro de Portugal n'aquella corte, D. João de Almeida Mello e Castro, depois conde das Galvêas, a quem já conhecêra em Roma, e que lhe dispensára algumas attenções e favores, compoz tambem outro primoroso quadro, de *Nossa Senhora da Piedade*, ou do *Descendimento da Cruz*, o qual se destinava para ornar a capella da embaixada portugueza em Londres [1].

É bem de suppor que durante os quatro annos de residencia em Londres não deixaria de executar outras obras, que lhe seriam provavelmente encommendadas, e bem pagas, por alguns de tantos amadores quantos encerra aquella abastada e populosissima capital: porém foi-nos impossivel procurar quaesquer noções ou particularidades com respeito a quadros seus, que porventura alli existam.

Rico de conhecimentos especiaes, accumulados em tantos annos de porfioso estudo, na edade em que as flores viçosas do engenho se convertem em fructos saborosos e amadurecidos, era para o nosso artista chegado o tempo de recolher-se á patria, para tornal-a participante das proprias riquezas, e haver d'ella em troca os premios e recompensas que, por direito imprescriptivel, competem ao trabalho util e convenientemente dirigido.

(Continúa) INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

LENDAS NACIONAES

III

EMPREZA DE TANGER

(Vid. pag. 39)

IV

Era uma sexta feira, 13 de setembro. O infante D. Henrique acabava de chegar, alfim, ante as portas da tão suspirada Tanger, esse objecto dos seus doirados sonhos de gloria, sonho sempre presente aos seus pensamentos.

O infante D. Fernando já alli se achava, convalescido pelo descanço que tivera a bordo. E as naus portuguezas, dispostas em extensa linha e vistosamente empavezadas de suas bandeiras e flammulas multicôres, pareciam desafiar do meio do porto todo o poder musulmano.

Assim que os infantes se encontraram, tratou-se logo de reunir em conselho as pessoas principaes e os mais experimentados capitães. Accordados que foram sobre o que se havia de obrar, passou o infante D. Henrique a fazer ostentoso apparato das suas forças por diante da praça inimiga. Desceram, pois, as tropas até ao mar, desfilando galhardamente ao longo da praia, e no sitio aonde melhor podiam ser observadas pelos moiros, mandou D. Henrique fazer alto, e desenrolando-se as bandeiras ao som guerreiro das trombetas e atabales, ahi armou solemnemente alguns cavalleiros.

Acabada esta ceremonia, que os moiros espreitavam através das estreitas frestas das torres, ou de sobre as ameias dos muros, marchou o exercito em boa ordem para um oiteiro visinho da cidade, e defronte do *cabo de Espartel*, aonde acampou.

Não se podia desejar logar mais accommodado para arrayal. Pela sua altura era uma posição mui defensavel. Descobrindo bastante campo em torno de uma grande parte da praça, podiam-se d'ahi vigiar quaesquer movimentos do inimigo. Dominando a bahia, faci-

[1] Se bem interpretâmos o que lemos a pag. 304 do *Dictionnaire* do sr. C. de Raczynski, este quadro já não existe em Londres, mas sim no oratorio do paço das Necessidades.

litava a communicação com a armada. E, finalmente, cercado de hortas e pomares, com poços de boa agua, offerecia algumas provisões muito uteis, e abastecia o acampamento de uma das coisas mais essenciaes á vida.

Os moiros, como dissemos, viam tudo, mas não se atreviam a sair da sua guarida. E, todavia, não reinava entre elles o temor. Ou fosse porque o numero dos contrarios os não acobardasse, crendo-se bem defendidos por suas grossas muralhas e altas torres; ou porque confiassem muito no esforço do seu braço; ou, em fim, porque o seu corajoso chefe soubesse inspirar-lhes alento e esperança; é certo que não dominava alli vestigio algum d'aquelle terror que havia franqueado aos portuguezes as portas de Tetuão. E quem visse de perto o alcaide, Salá Ben Salá; quem attentasse bem no olhar feroz e no sorriso desdenhoso com que seguia todos os movimentos do exercito christão, poderia ler no seu rosto, sem duvida, mais que uma simples esperança de salvação. Se n'aquelle olhar se resumiam o odio e rancor de uma raça inteira, n'aquelle sorriso denunciava-se a quasi certeza de um triumpho, uma satisfação anticipada pela idéa de uma grande e proxima vingança. Salá Ben Salá era o alcaide que governava Ceuta, quando el-rei D. João I lhe arrancou das mãos esta perola africana para ornar com ella a sua coroa. E agora tinha na frente dois filhos do seu terrivel inimigo, que vinham de novo provocal-o e ameaçal-o.

Em quanto o alcaide revolvia assim na mente mil projectos de exterminio, lavrára repentinamente grande agitação no arrayal inimigo.

Declinava bastante a tarde, e os nossos soldados andavam ainda occupados em assentar o acampamento, quando rompeu uma voz de que fugiam moiros da cidade, deixando abertas as portas.

A setta, despedida do arco, não corta mais apressada os ares do que esta voz correu por todo o arrayal. N'um abrir e fechar de olhos tudo ahi foi alvoroço e confusão.

D'onde viera aquelle voz ninguem o sabía, nem procurava saber. Acreditava-se n'ella pelo succedido em Tetuão; e, sem esperar ordens dos chefes, todos quizeram ser os primeiros a entrar n'aquella terra da promissão.

Os que mais velozes correram, mais cedo acharam o engano. As portas estavam fechadas e bem trancadas; e os moiros tão vigilantes, que fizeram pagar caro a imprudencia aos temerarios que d'est'arte se aventuraram. Mas sobre os passos dos primeiros vieram segundos, e sobre os segundos terceiros. Então o conflicto tornou-se serio, e dentro em pouco era um ataque geral á cidade; porém, infelizmente, um ataque sem premeditação, sem plano, sem ordem de especie alguma.

Os soldados arremessavam-se de encontro ás portas, como querendo arrombal-as com o simples peso de seu corpo; e ahi, apinhados em estreito logar entre as torres que defendiam a entrada, impellindo-se e crescendo uns sobre os outros, como as vagas do Oceano embravecido; apertando-se de mais em mais; embaraçando-se reciprocamente; molestando-se e pisando-se até, como se fossem inimigos, eram feridos desapiedadamente pelos árabes, que, de cima dos muros e por traz das setteiras, disparavam sobre elles copiosa chuva de frechas.

Porém, tanto póde o valor, mais do que o valor a força d'aquelles braços, e, talvez, ainda mais do que a força natural dos braços a raiva e o desespêro d'aquellas almas, que duas portas, formadas de grossas pranchas de rijissima madeira, cederam, em fim, á violencia do impulso, e ambas voaram, uma após outra, feitas pedaços!

Vencidos estes obstaculos, precipitaram-se com furia os vencedores por um escuro corredor, aberto através dos muros, crendo já livre o caminho que os devia conduzir ao seio e á posse da cidade. Mas, além das duas portas que, despedaçadas, lhe franquearam o passo, havia ainda outra mais forte, chamada o *postigo de Guyrer*. Contra esta nada póde o seu valor; fraquejou-lhes ahi a força de seus braços; tornaram-se impotentes a raiva e o desespêro de suas almas. Lembraram-se então do fogo para vencer tamanha resistencia. Seguiu-se um momento de silencio, que não tardou a ser quebrado pelo crepitar das chammas, que subiam em linguas de fogo até á abobada, e pelo estalar da madeira que se ia carbonisando. O clarão das labaredas no fundo d'aquelle antro de negra pedraria; a expressão sinistra de todos aquelles homens alli reunidos na acção commum da destruição, e em cujos rostos se viam estampadas tantas e tão violentas paixões; as juras, as pragas e as ameaças que vomitavam em alta grita contra os perros dos infieis; toda esta bulha e vozeria, echoando em sons confusos e medonhos; e, finalmente, as nuvens de fumo, subindo, impellidas, contra a abobada, que as repulsava para a terra, d'onde tornavam a subir, envolvendo e suffocando toda aquella turba, que assim ainda mais bramava e se enfurecia, tão horrivel scena dava a este logar a perfeita similhança do inferno.

Toda a madeira da porta estava, em fim, reduzida a brazas; mas por detrás do fragil lenho ia apparecendo, ao cair do brazido, outra substancia que, zombando da acção do fogo, oppunha aos aggressores nova e mais valente barreira. Eram as chapas de ferro que, tendo servido de fortalecer a porta, ficavam de pé, travadas com a cantaria, escoradas contra o solo, firmes e inabalaveis como muros de bronze.

Foi então que veiu o descoroçoamento abater as paixões e quebrar os animos. A noite tambem viera em soccorro da praça, e só ao desdobrar do seu manto é que o infante D. Henrique conseguiu fazer recolher ao arrayal as tropas que n'aquelle e n'outros pontos estavam combatendo a cidade.

Junto dos muros de Tanger jaziam exanimes não poucos portuguezes; e para o acampamento foram transportados muitos feridos.

Ás alegrias succedeu-se, entre muitos, a tristeza; o desalento começou a afugentar a esperança. Porém não era unicamente o mau successo d'esta tentativa o que operava tão grande e repentina mudança na satisfação e enthusiasmo dos soldados. Uma circunstancia bem frivola e sem valia para estes tempos em que vivemos foi o raio que assombrou aquelles espiritos, que tão fracos eram dentro de peitos tão fortes. Quando o infante D. Henrique viu que não podia conter a impetuosa bravura das suas tropas, pretendeu acudir áquellas scenas de tumulto, ordenando combate regular. E no momento em que, posto á frente dos que se haviam conservado firmes a seu lado, ia soltar a voz de commando, um rijo furacão quebra a hastea da bandeira do infante D. Henrique, rasga e leva pelos ares o seu estandarte, que acabava de se desfraldar com tanto garbo e ufania.

Um tal agoiro impressionou mais ou menos a todo o exercito, porque os que o não presenciaram em breve tiveram noticia d'elle. E nas horas mortas da noite não se deixava de commentar este caso nas tendas de campanha, senão para se fallar de outros dois tristes presagios. O conde de Arrayolos saíra muito ferido do combate, com uma perna atravessada por uma setta, e D. Alvaro Vaz de Almada recolheu-se com um braço trespassado por uma frecha. O primeiro era o condestavel, o segundo era o mais valente e esforçado cavalleiro de todo o exercito.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.